



## Editorial – Edição 32 – Abril de 2020

Tempos difíceis. Talvez esta seja uma forma adequada de caracterizar o momento, com a pandemia que assola o planeta. Todos nós sabemos que os transtornos causados por essa adversidade podem até mesmo ultrapassar o limite do que podemos considerar normal, e que provavelmente o mundo não seja mais o mesmo daqui para frente. Embora toda a nossa preocupação esteja voltada para esta grave crise, sabemos que a história continuará seu curso, e que, portanto, a vida seguirá. Nesse sentido, ousar aqui me referir à atual crise como forma de aprendizado, que, queiramos ou não, acabará acontecendo. Daqui a alguns meses, quando tudo estiver no passado, olharemos para trás, juntaremos as peças quebradas e nos levantaremos mais fortes, absorvendo todo o conhecimento experimentado nessa batalha, e preparados para as futuras adversidades.

Essas três atitudes, olhar para trás, juntar peças quebradas e se tornar mais forte com a absorção do conhecimento experimentado, são, de fato, passos necessários para nos recuperarmos de momentos de crise. Porém, se fizermos isso sistematicamente, como postura, estaremos nos reinventando a cada dia e nos precavendo contra futuras adversidades, ou, quem sabe, pelo menos amenizando seus efeitos mais nocivos. Nesta ocasião de crise, seremos obrigados a empreender, a conceber soluções, e mesmo a nos reinventar, pois é uma questão de sobrevivência. Em outras ocasiões, entretanto, teremos que nos lembrar das adversidades pelas quais passamos, para que possamos prosseguir evoluindo como raça humana.

Por que olhar para trás? Ora, porque há erros, e erros fazem parte do aprendizado. Não adianta viver em ilusão, pretendendo viver em perfeição, sem cometer erros. Ora, se erros são inevitáveis, melhor que os tomemos como referência para o futuro, no sentido de evitá-los e, ainda por cima, preparar-nos para situações equivalentes. Por conseguinte, devemos, sim, olhar para trás e identificar erros e as condições sob as quais eles aconteceram. Erros suscitam questionamentos e, a partir deles, surge o ímpeto para propor soluções. E esse é justamente um campo fértil para as atividades voltadas à inovação, à pesquisa, as quais têm o objetivo primordial de garantir a sobrevivência de uma empresa ao longo de sua história.

Por que juntar peças quebradas? Porque não se parte do zero, e sim daquilo que foi construído antes, seja certo ou errado. Segundo o psicólogo educacional David Ausubel, o real aprendizado, que ele chama de “aprendizagem significativa”, ocorre quando a nova informação se ancora em conceitos relevantes preexistentes da estrutura cognitiva do aprendiz. Assim funcionam também as atividades profissionais responsáveis pelo futuro de uma empresa ou de uma instituição, como as de P&D e de inovação de maneira geral. Os erros têm, portanto, um papel importante no desenvolvimento do futuro, o qual se baseia, em grande medida, em experimentações, e, em muitas das oportunidades, em resultados incertos. Algumas peças se quebram no meio do caminho, e juntá-las faz parte da construção do futuro.

Por que reunir o conhecimento adquirido? Embora muita ênfase se dê a produtos no mundo empresarial, mais importante do que eles é o conhecimento que temos sobre eles. É justamente aí que reside o valor. É melhor saber desenvolver um produto do que simplesmente comprá-lo. Dessa forma, em situações adversas, mais vale saber como encontrar a solução, dado que isso servirá também para uma adversidade vindoura, do que simplesmente obter uma solução momentânea. É a diferença que separa o país líder do país seguidor.

Muitas empresas descobrem o valor da ciência, do diferencial competitivo gerado por programas de P&D e de soluções baseadas em criatividade quando passam por adversidades. Mas qual é nossa postura quando tudo está bem, quando aparentemente não precisamos de soluções elaboradas? Deixamos de investir nelas e canalizamos todos os nossos esforços naquelas que geram lucro direto e imediato? Quanto tempo elas irão durar? Quanto tempo levará para que essa vantagem seja simplesmente aniquilada pela concorrência, por crises de dimensão mundial, ou por aqueles que, na contramão do “*mainstream*”, resolveram investir no aprendizado?

Esta edição da Espaço Energia traz três artigos. O primeiro faz uma análise de correlação entre o uso de energia e o índice de desenvolvimento humano. O segundo explora a crescente participação de fontes renováveis e intermitentes na matriz energética brasileira. Por fim, o terceiro apresenta um estudo de caso sobre o índice de falhas no sistema de iluminação pública. Gostaríamos de, mais uma vez, agradecer o interesse e o excelente



trabalho realizado pelos autores dos artigos publicados nesta edição, o primoroso trabalho dos *boards* da Espaço Energia, em especial a contribuição de Marcelo Rodrigues Bessa, e a colaboração dos ilustres pesquisadores Paulo Henrique Dias dos Santos e Emerson Luís Alberti no processo de análise dos trabalhos submetidos. Agradecemos também o auxílio dos grupos de apoio e da patrocinadora Copel. Desejamos a todos uma ótima leitura.

Klaus de Geus  
*Editor-chefe*